

1ª edição: 2007

Copyright © 2007 Rex Projetos e Editora Ltda., São Paulo, para a presente edição.

Projeto e produção gráfica: Rex Design

Revisão: Daniela Lima

Tradução inglês: Richard Laver

Todos os direitos desta edição reservados à Rex Projetos e Editora Ltda. Rua Caetés, 107 - Perdizes 05016-080 - São Paulo/SP 55 11 3862.5121 rex@rexnet.com.br www.rexnet.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Piguoira Gustavo

São Paulo, cidade limpa / Gustavo Piqueira; (tradução inglês Richard Laver). -- São Paulo : Rex Livros 2007

Edicão bilingüe: português/inglês.

- 1. Poluição urbana São Paulo (SP
- 2. Publicidade I. Título

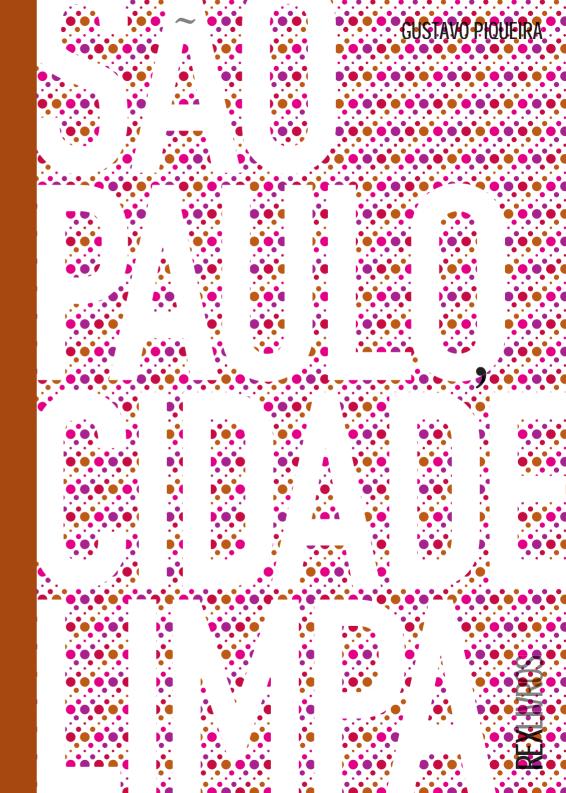
07 5/07

CDD-363.7320981611

Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo : Cidade : Poluição visual :

Problemas sociais 363.73209816





## mas não custa relembrar:

Em 26 de setembro de 2006, a Câmara Municipal de São Paulo aprovou a Lei Cidade Limpa, com o propósito de regulamentar o uso do espaço urbano como mídia de comunicação. O banimento de publicidade exterior — outdoors, banners, cartazes e faixas — começou a valer logo que entrou 2007. Na seqüência, em 1º de abril, foi a vez de os "anúncios indicativos em estabelecimentos comerciais" tomarem jeito.

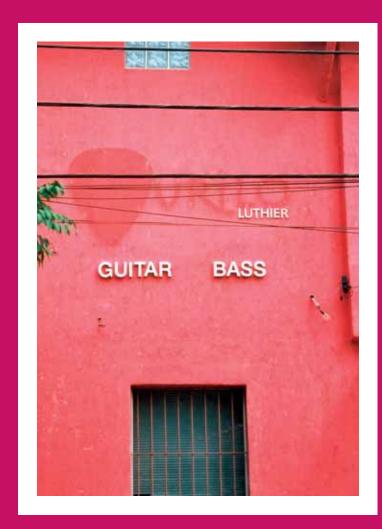
No que tange a esse útlimo, todo comerciante deve respeitar uma rigorosa normatização referente ao uso de sua fachada como veículo promocional. Acho que você também já sabe, mas eis aqui os principais pontos da lei:

- Em fachadas de até dez metros quadrados, o anúncio não pode ultrapassar um metro e meio.
- Entre dez e cem metros, deve ter no máximo quatro.

Para os infratores, multa de dez mil reais por anúncio irregular. Com acréscimo de mil reais a cada metro quadrado a mais.

O relato a seguir não busca, contudo, entrar no mérito da questão. Analisar se a cidade ficou mais bonita ou se a lei gerou desemprego. Também não quer sugerir ajustes nem discutir seu uso político por parte do prefeito. Muito menos comemorar, através de clichês supostamente poéticos, a descoberta de um "diálogo harmonioso da arquitetura com a população". Não. Mesmo porque, imagino, você já deve estar cheio disso tudo. Pois é, eu também.

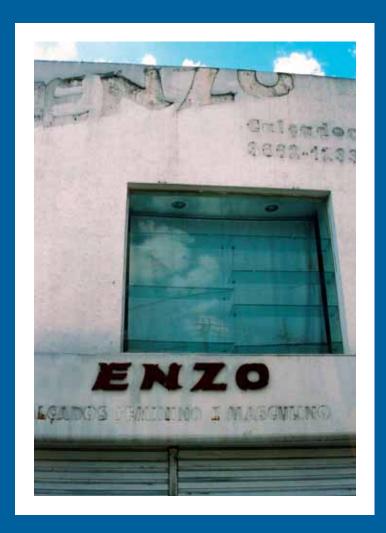
Então o que, afinal, busca o relato a seguir? Simples. Tornar pública a história de alguns pequenos comerciantes e sua adequação à Lei Cidade Limpa. Sim, vamos falar de trabalhadores que cumprem as leis. De cidadãos conscientes que contribuem para embelezar São Paulo. Mas você, por acaso, faz idéia de quanto custa uma placa nova?



Ser luthier é ocupação das mais nobres. Era o que concluía Murilo toda manhã quando, ao chegar para o trabalho, admirava sua fachada. Murilo, luthier. Guitar, Bass. "Sou eu", sorria. "Murilo." E como ele caprichara no letreiro, hein? De primeira. Preocupado em denotar profissionalismo, decidiu não se restringir à mera aplicação da informação. Não, não. Telefonou para o Serginho, amigo que, além de baixista amador, mexia com computação gráfica. "Serginho, estou precisando de uma marca." Propôs uma permuta, o amigo topou. Semanas depois, lá estava Murilo na calçada, orgulhoso com o resultado. Murilo, luthier. Guitar. Bass. "Sou eu."

Ser luthier é ocupação das mais nobres. Mas o dinheiro é curto, curto. Murilo que o diga. Quando soube que seu letreiro excedia em muito o dimensional permitido pela nova lei, tentou outra permuta. Desta vez, Serginho recusou. "O que vou fazer com dois baixos?" E passou um orcamento. "Preço de amigo." Murilo achou caríssimo, fora de cogitação. Preço de amigo? Sei, sei... "Droga. E agora? O que faço?" Pensou, pensou e pensou. No dia seguinte, veio a solução: "Basta remover alguma das informações da fachada e pronto, estarei dentro da metragem permitida." Genial. Mas o que retirar? Outras tantas horas e horas de reflexão. "Não dá para eliminar 'Luthier' e 'Guitar, Bass', mantendo apenas 'Murilo'. Não dá. Como atrair clientes assim? 'Murilo' não quer dizer nada. Ninguém vai encomendar um serviço só porque leu 'Murilo'. O cara nem vai saber que tipo de serviço presta o tal Murilo", concluiu. Seguiu até a garagem, pegou a escada e, em poucos minutos, enquadrou-se na Lei Cidade Limpa.

Desde então, ainda que o ritmo de encomendas de "Guitars" e "Bass" tenha se mantido inalterado, os vizinhos repararam que, ao chegar pela manhã, Murilo já não pára por alguns segundos defronte a sua fachada. Cabisbaixo, limita-se a destrancar os cadeados e iniciar mais um dia de trabalho.

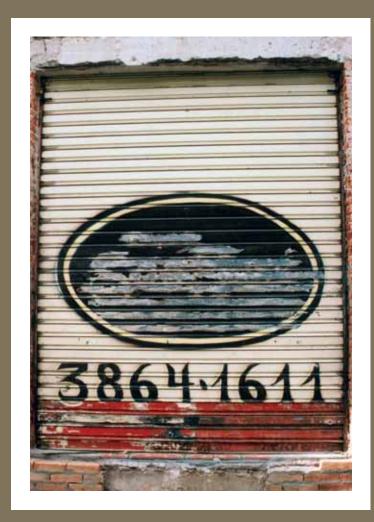


Já Enzo não quis nem saber. "Ninguém vai entender o que eu vendo? Dane-se." Dane-se? "É, dane-se.

Trabalhei feito um desgraçado para abrir esta loja.

O mínimo que mereço é, todo dia, ver meu nome bem grande estampado nela. O mínimo." Seus dois funcionários mostravam-se apreensivos. Mas e a freguesia, seu Enzo? "A freguesia? Dane-se a freguesia. Eu construí esta loja. Eu, Enzo. Não quero nem saber. Ninguém tira meu nome daqui." E, enfurecido, encerrou a discussão.

II



**Gonçalves sempre se gabou** de possuir tino para os negócios. Sempre.

Desta vez, encostado no balcão, aproveita a Lei Cidade Limpa para exibir sua mais nova (e brilhante) sacada comercial. "Me responda, Tião: o que é mais importante para o freguês?" Tião faz cara de nada, Gonçalves prossegue. "O nome da loja?" Tião só olha. "Não, Tião, o nome da loja não é o mais importante." Tião balança a cabeça. "Então o que é, Tião? O tipo de mercadoria?" Nada de o Tião abrir a boca. "Não, Tião. Também não é." Tião, mais uma vez, concorda. "Quer saber o que é mais importante, Tião? Quer saber?" Tião faz cara de quem quer. "O telefone, Tião. O telefone! O freguês precisa lembrar do telefone! Pense comigo: você decora um telefone, certo?" Tião faz cara de certo. "É isso o que importa! É isso! Porque, se você tem um telefone na cabeca mas não sabe de onde é, o que você faz, Tião?" Tião não sabe. "Você telefona e pergunta, Tião! Entendeu? Telefona e pergunta! Aí o comerciante esperto, do outro lado da linha, aproveita e conta o nome da loja, o tipo de mercadoria, as promoções..."



Nair não se conformava. "Casei com um idiota." Do outro lado da mesa, Toshiro jantava em silêncio. "Idiota."

Tudo porque, na noite anterior, quando os dois já se preparavam para dormir, o farmacêutico narrara à esposa sua idéia para se adequar à nova lei. Retiraria o nome e o símbolo da farmácia, mantendo apenas o "estacione aqui". É quase impossível encontrar vaga em São Paulo, explicava. Logo, quando o motorista topar com um convidativo "estacione aqui", vai embicar o carro na hora. Na hora. E aí, tchã-rã: já estará dentro da minha farmácia. Legal, não? "Toshiro, essa é a idéia mais estúpida que já ouvi! Jesus do céu, como você é idiota! Estacione aqui? Ai, Toshiro! O que tem dentro dessa cabeça, Toshiro? O quê?" Assustado com a reação da mulher, o farmacêutico preferiu não contra-argumentar. Limitou-se a ajeitar o travesseiro e dormir. No dia seguinte, ainda tentou fazer um agrado à esposa, e decidiu não remover da placa o "Drogaria". Está pequeno, mas está aí. Basta olhar com atenção. Drogaria. Não adiantou. Quando chegou para o jantar, encontrou em Nair o mesmo ar carrancudo. "Casei com um idiota. Um idiota."



**Soraya tinha horror** a ser vista como uma simples comerciante.

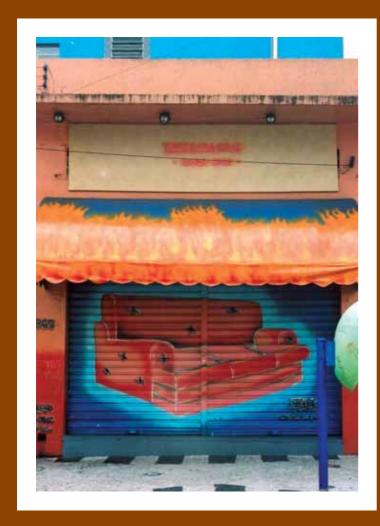
Horror. "Sou uma mulher sofisticada. Classe média alta. Não preciso da loja para sobreviver, trabalho porque gosto. Gosto sim, claro. Olhe bem para mim. Tenho cara de dona de casa? De quem vive em função de marido? Eu não. Sou independente. Independente e sofisticada. E não preciso da loja para sobreviver. Porque, graças a Deus, o Felipe está superbem na empresa em que trabalha. Gerente de vendas."

Mas, mesmo superbem, Felipe encerrou com um lacônico "este mês não dá" a proposta apresentada pela esposa para reformular a fachada de sua loja. A sábia Soraya imediatamente concluiu que, se este mês não dava para o novo layout, também não daria para a multa de dez mil reais, caso fosse autuada. E pôs-se a buscar alguma solução criativa. "Que tal manter só 'Soraya Fashion'? Argh, não! Que horror! Coisa de pobre. E 'Moda Feminina'? Nossa, mais suburbano ainda. O telefone, então, nem pensar. Muito menos o 'sorayafashion@hotmail.com'. Ai, gente, o que faço com essa fachada? O Felipe podia ser menos mão-de-vaca. Um gerente de vendas não consegue bancar uma simples placa? Ah, conta outra... Deve estar com amante, isso sim. Aquela vagabunda da Milene, aposto." Com o tempo, acalmou-se e, passado o ataque de ciúmes, decidiu. Removeria todas as informações, mantendo apenas o desenho de espirais que uma amiga artista plástica ("a Lucinha") criara como símbolo da Soraya Fashion. "Ficou tudo de bom, não? Chique, artístico. Mesmo porque, não preciso da loja para sobreviver."



**Giba ficou com medo.** "Dez paus de multa? Não tenho tanta grana. Aliás, se tivesse, já tinha tunado meu

Monzinha faz tempo. Não pago dez paus de multa nem morto." Em pouco mais de meia hora, limpou tudo. Saiu o "Giba Motors", o "carros e motos", telefone, endereço e o completo detalhamento de seus serviços. Para não deixar sem nada, contudo, readesivou o número da oficina — 554A — bem no meio de uma das faixas. "Pelo menos, é alguma coisa." Serviço concluído, atravessou a rua para contemplar o resultado. "Droga. Sem placa, ninguém vai imaginar que aqui é uma oficina. Mas dez paus de multa? Sai fora. Com dez paus, deixo meu Monzinha irado."



**Cruz sorriu empolgado.** Finalmente São Paulo se tornaria uma bela cidade. "Vou fazer minha parte. Ah, se vou." E investiu forte. Não bastava apenas redimensionar

E investiu forte. Não bastava apenas redimensionar a placa de sua tapeçaria. Era preciso mais. "Vou fazer minha parte." Falou com Jair, grafiteiro que trabalha na imobiliária da esquina como boy, e encomendou um projeto completo de decoração da fachada. "É arte. Grafite é arte. Não lê jornal? Todo mundo comenta. Grafite é arte."

Jair (ou "JaHo", como assina seus projetos) caprichou. Na porta de metal, um belo sofá estofado vermelho. No toldo, grandes labaredas de fogo e, para a placa, "Tapeçaria Cruz" também grafado em meio às chamas. "Fogo?" Cruz estranhou. "Não é meio estranho, Jair? Uma tapeçaria pegando fogo? Não assusta o cliente?" JaHo, ar blasé, respondeu que era pegar ou largar. Aquela era sua linguagem, sua assinatura. Um lance apocalíptico. Cruz, apesar de ouvir com atenção, não entendeu nada. Mas deixou prá lá. "Tudo bem, Jair. Vá em frente." Aos amigos, explicou: "Coisa de artista. Grafite é arte. Não lê jornal?"



"Não tem muito o que inventar, não." afirmou Sandrão, munido de escada e estilete. Cinco minutos depois, já estava de volta, orgulhoso. "Vem cá ver, pai. Vem cá e me diz se não ficou bom." O pai foi. "Não falei, pai? Que placa nova ou multa, que nada! A turma só fala bobagem. Não tem muito o que inventar, não."



Emerson até concordava com Sandrão. Não tinha muito o que inventar. Mas, após horas de fita métrica e cálculos complicadíssimos, mudou de opinião. "Não tem muito o que inventar? O cacete! Preciso eliminar treze letras. Treze." Coçava a cabeça. Que tal "ARTESANATO DE - 88735618"? Não. Artesanato de? Artesanato de quê? Vai parecer que vendo vasos de barro. E "ARTESA D EMPAL — 88735618"? Pior ainda. Artesadempal? Pensarão que fiquei louco. E "EMPALHAMENTO — 88735618"? Não, não. Sou um artesão. Finalmente, concluiu que o telefone não era tão importante. Mas ainda faltavam cinco letras. Peraí! É isso! "Artesanato de Empalha"! É isso! Pensa comigo, tá tudo aí: o artesanato, a palha, o "em". O "em"? "É, o 'em'. Empalha, em palha. Sacou? Sei que não é perfeito. Mas, dos males, o menor."



"Agilize, Rubinho, agilize! Compre uma lata de tinta vermelha para tampar o letreiro da parede. E voe, pois não quero tomar multa." Uma lata não é pouco, seu Jaime? A parede é grande... "Ô, moleque! Sabe quanto custa uma lata de tinta? Uma lata dá e sobra, é só você não desperdiçar. Vai, vai. Tome aqui o dinheiro." Rubinho obedeceu. Durante a execução da pintura, também esforçouse ao máximo para agradar o patrão, e diluiu o conteúdo daquela mísera latinha em água, a fim de aumentar seu rendimento. A artimanha fez com que conseguisse preencher todo o espaço. Mas, ao final da tarefa, observou o resultado um tanto descontente. Seu Jaime, o senhor não acha que precisava de uma segunda demão? O chefe aproximou-se com ar paternal. "Nada, Rubinho, nada. Está ótimo. Uma beleza. O fiscal vai passar batido. Está ótimo."



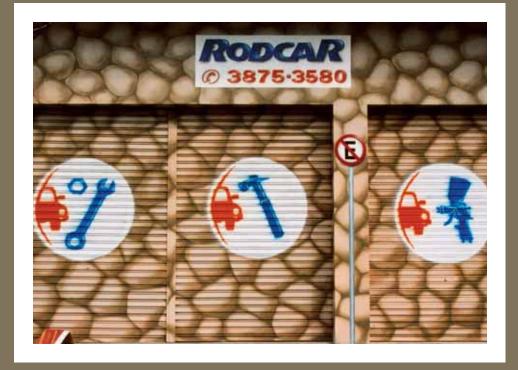
Dona Neide foi firme com o rapaz da manutenção. "Orçamento de tudo, Edson! De tudo. E não me apareça com um preço só. Três. Três cotações para cada serviço. Quero ver tudo amanhã, bem aqui, na minha mesa." Ela listara, num minucioso processo, seis opções para a adequação de sua fachada à nova lei. Desde uma reforma geral até a simples remoção do letreiro que informava funcionar, naquele sobrado antigo, o colégio que dirigia. O colégio ao qual batizara com o nome de seu

falecido pai, o doutor Alfredo.

No dia seguinte, Edson entregou, esbaforido, o bolo de papéis de fax. "Mas está caríssimo, Edson! Caríssimo! Até o serviço mais simples, apenas tirar o letreiro atual, saiu uma fortuna!" Já ciente do temperamento explosivo da patroa, Edson explicou não ser possível apenas remover o dito-cujo. Era necessário dar acabamento ao muro. E nisso vai massa. vai tinta... "Mesmo assim! Mesmo assim está caríssimo! Você acha que meu dinheiro nasce em árvore? Acha? Não nasce, não! Muito pelo contrário! Sabe o que você vai fazer? Vai pintar o letreiro de branco. E só." Só? "É, só. Não ouviu o que acabei de dizer? É surdo? Peque a tinta branca no depósito e pinte aquele maldito letreiro." Mas... dona Neide... e a lei? "Dai-me paciência, meu Deus. Dai-me paciência! Edson, de que cor é o muro?" Branco, dona Neide. "De que cor você vai pintar o letreiro?" Branco, dona Neide. "Então, meu filho! Branco em cima de branco é o quê? Invisível! In, vi, sí, vel. Olha, vou lhe dizer uma coisa: você é burrinho, viu? Bem burrinho. Também, se não fosse, não trabalharia na manutenção, né? Agora vai, meu filho. Vai lá e faz o que eu mandei."



O correto Esteves nunca se envolveu em falcatruas. "Se essa é a lei, devemos cumpri-la." Imediatamente, tomou as providências necessárias e, em poucos dias, seu colégio já substituíra a antiga placa. Redigiu, então, um comunicado aos pais. "O Colégio Heitor Garcia, sempre pautado pela responsabilidade social, orgulha-se de contribuir para o fim da poluição visual na cidade de São Paulo, e abraça com entusiasmo a nova Lei Cidade Limpa. Esperamos que todos os paulistanos tomem nossa atitude como exemplo de civilidade e encontrem, em nossa fachada, um modelo de consciência arquitetônica. À vossa inteira disposição, Antonio Carlos Esteves, diretor."



Rodney não perdeu tempo. Nunca foi mão-de-vaca como o

Sandrão. "Stacio. Só o Sandrão para achar aguilo legal. Também, vive bêbado. Precisa estar muito mamado para achar aquilo legal. Stacio. Só o Sandrão." Rodney — ou Rod, como Sandrão e os outros amigos o chamam — era diferente. "Vou incrementar isso aqui. Sem pão-durismo." Em vez de cair na lábia de um grafiteiro qualquer, projetou ele próprio a nova fachada. "Só o Cruz mesmo, para deixar aquele molegue transformar sua tapecaria num incêndio ambulante. Só o Cruz." Ele não. Não era trouxa. Além da placa RodCar, desenhou a decoração completa. Um grande muro de pedras. "Para dar um ar campestre. São Paulo precisa disso. Natureza." Incluiu também, sobre o pilar, uma placa de proibido estacionar. "Assim a prefeitura economiza em mobiliário urbano, e pode investir em outra coisas."

O pessoal curtiu. Um ou outro sempre implica, claro. "Gente chata é como piranha: dá em todo lugar." Murilo, por exemplo, ao deixar seu Uno para um martelinho, classificou o resultado como meio over. "Over? O que é over? Só o Murilinho mesmo. Também, sempre foi meio afrescalhado. Aquele papinho de Guitar, Bass... Nunca me enganou... Over. Ele vai ver onde enfio esse over. Tinha que ser aquela bichinha, para falar uma idiotice dessas."



"Que dó." Monalisa não se conformava. "O pessoal da Nestlé foi tão bacana." Meses antes, a multinacional bancara a pintura completa de sua padaria. "Completinha." Em troca, um Sorvetes Nestlé destacado, no topo da fachada. "E agora? O que eu faço? Simplesmente apago e dou uma de mal-agradecida?" Tentou ligar para o Avelino em busca de alguma solução. Mas o representante de vendas da Nestlé nunca retornava. "E agora? O que eu faço?" Os dias se passavam, e nada do Avelino. "Não sou mal-agradecida. Não mesmo. Pode perguntar para o pessoal daqui. Mas não tenho o dinheiro da multa. Não tenho, não."

Aconselhou-se então com o primo Gonçalves. Enfático, ele garantiu que bastava a simples retirada dos dizeres escritos. "Problema resolvido, Mona. Em primeiro lugar, está dentro da lei. Depois, a turma vê aquele redondo azul e já sabe que é da Nestlé. A turma conhece a Nestlé." Aliviada, Monalisa seguiu o conselho. "O Gonçalves tem tino para os negócios." Para completar, transferiu a plaquinha "Aqui tem sorvete Nestlé" da porta do freezer até a frente do estabelecimento. "Diz pra mim: quando o Avelino contar para o seu Nestlé, ele não vai ficar contente? Ô, se vai. Ô, se vai. Não sou mal-agradecida, não."



"Não existem empecilhos. Existem oportunidades de negócios. É o que sempre digo." Era o que Gugui sempre dizia. Assim, logo que soube da Lei Cidade Limpa, apressou-se em decorar sua Kombi. "De dia, divulgo a Gugui Festas pela cidade. À noite, estaciono em frente ao escritório e ela funciona como se fosse a placa. Isso é marketing, velhinho. Marketing. É o que sempre digo."



"Puta que pariu! Puta que pariu! Só me faltava essa!" Os negócios iam de mal a pior. A filha Jessica engravidara aos quinze anos. Daquele inútil do Jair, ainda por cima. "Pichador. Puta que pariu! Engravidou de marginal!" Marlene, a esposa, não podia ver uma prestação que logo sacava o cartão de crédito da bolsa. E, como desgraca pouca é bobagem, agora uma lei imbecil surgia do nada e o obrigava a tirar toda a propaganda da loja. É... Wecsley já viveu dias melhores. "Não vai dar! Se com propaganda já não vendo porra nenhuma, imagine sem. Políticos filhos de uma puta!" Enfurecido, despejou tinta preta sobre o toldo da Papelaria Jessica. "Ah, chega. Chega! Não vai dar. Se com placa já estava uma merda, imagine sem. Vou fechar esta merda de papelaria. Fechar. Alugo esta porra e foda-se!" Mas, Wecs, e as prestações do meu cartão? É, papai, e seu neto que vai nascer? "Querem mesmo saber? Fodam-se vocês! Fodam-se!"

